

DEANA BARROQUEIRO

O Espião de D. João II

*Na Demanda dos Segredos do Oriente e do
Misterioso Reino do Preste João*

|||||
casadasletras

*A palavra é como uma flecha que,
uma vez lançada, não volta ao arco;
assim também a palavra não volta aos lábios.
(Provérbio árabe)*

Caríssimo Leitor,

Pêro da Covilhã era o mais arguto espião de D. João II, que o escolhia para as missões secretas onde qualquer outro falharia. Esse secretismo, próprio de um tempo de rivalidade feroz com Espanha na corrida aos novos mundos, em que a espionagem representava um papel fundamental na obtenção de vantagens, pode ser a causa do seu rosto e nome de família terem ficado na penumbra da História.

Sendo o protagonista de uma das mais extraordinárias proezas da saga dos Descobrimentos, sem retrato ou efígie que o recordem, ficou conhecido apenas como o «escudeiro Pêro», seguido do nome gentílico, «da Covilhã», a terra beirã da sua proveniência.

No entanto, não há melhor ingrediente do que o mistério para aguçar o apetite de um escritor...

O riquíssimo período do Renascimento português é como uma cesta de cerejas: sempre que se puxa por uma personagem ou um tema para um livro, logo neles vêm emaranhados uma mancha de fulgurantes personalidades e outros tantos saborosos enredos, capazes de alimentar durante décadas a imaginação de um autor de romance histórico.

No verão de 2008, ao concluir *O Navegador da Passagem*, onde narro as viagens de Bartolomeu Dias, já não consegui afastar do pensamento a história de outra personagem que aí aparecia, embora fugazmente: Pêro da Covilhã. Em 1487, o espião fora enviado, com o albacastre Afonso de Paiva, a descobrir por terra aquilo que o navegador iria

demandar por mar: uma derrota para as especiarias da Índia e notícias do encoberto Preste João, o mítico imperador cristão do Oriente, cujo paradeiro a Europa buscava em vão, há mais de duzentos anos.

Como podia eu glorificar um e ignorar o outro, se eles eram como as duas faces da mesma áurea medalha? Para mais, a minha admiração por estes dois descobridores já vinha de longe, de um anterior projecto de criação de uma colecção juvenil de romances de aventuras com a saga dos Descobrimentos Portugueses, de cuja galeria de heróis ambos faziam parte.

Desde esse tempo, por mais de uma vez, tentei retomar a personagem de Pêro da Covilhã e escrever a sua odisseia, numa perspectiva mais histórica e menos efabulada, embora aproveitando muito do material da saga, fruto de uma pesquisa de longos anos. Narrar a sua peregrinação solitária (separou-se de Afonso de Paiva, em Adem, nos primeiros meses de jornada) de mais de seis anos através da Europa, África e Ásia – um mundo hostil de gente dominada pelo medo, o fanatismo religioso e a superstição –, durante a qual Pêro da Covilhã desvendou mitos e lendas velhas de muitos séculos, descobriu impérios perdidos e reinos nunca antes visitados por um europeu, desenhando nos mapas imprecisos da sua época os contornos e trilhos do futuro. Uma *Demanda* mística, concretizada num tempo e espaço reais, semeada de triunfos, perigos e sofrimentos verdadeiros, que só pode ter paralelo na busca do Graal.

Irresistível!

Assim surgiu *O Espião de D. João II*, romance de viagens e acção, com uma narrativa linear, adequada a esta personagem solar, um aventureiro dos quatro costados que, embora nado e criado no Portugal do século xv, não deixa de ser um misto de James Bond e de Indiana Jones, sem tecnologia, porém, com talentos extraordinários que o distinguiram dos homens do seu tempo.

Esgotadas as três primeiras edições, sai agora nova edição, revista e aumentada, para chegar a mais leitores.

Segundo o testemunho do padre Francisco Álvares, que o encontrou na Etiópia, Pêro da Covilhã possuía uma espantosa memória onde nada se perdia, a capacidade de aprender qualquer língua e, em pouco tempo, falá-la como um natural, a apurada arte de criar os mais perfeitos disfarces e assumir diferentes identidades, a facilidade de improvisação e adaptação às situações mais imprevisíveis, a mestria no manejo de todas as armas da época e, sobretudo, uma imensa coragem e espírito de sacrifício.

Por ser uma narrativa de acção, o narrador usa o presente, um tempo verbal de proximidade, com recurso a uma linguagem própria de um escudeiro da baixa nobreza rural, nesse tempo de transição da Idade Média para o Renascimento, com um vocabulário muito semelhante ao dos anciãos das nossas aldeias do interior. O que obrigou a um grande esforço de contenção da própria linguagem e a um extremo cuidado na escolha das palavras, a fim de evitar o uso de sinónimos e expressões que seriam neologismos absurdos na época ou teriam um sentido diferente. Um dos desafios para o leitor será a descodificação de vocábulos da antiga linguagem popular da Beira Baixa, embora a maioria venha acompanhada de notas explicativas.

O *Espião de D. João II* será um romance histórico ou um livro de viagens exploratórias de mundos reais há muito desaparecidos? Creio que é ambas as coisas. Tem como suporte, além da historiografia contemporânea, crónicas, diários e itinerários escritos pelos padres, cronistas, cientistas e aventureiros do século xv ao xvii. Considero o conhecimento que os meus leitores possam vir a ter dessas obras antigas e da visão dos seus autores e protagonistas a mais-valia dos meus romances. Daí a atenção que dou à contextualização e ao pormenor.

São históricos os indivíduos, os factos e as datas, como são históricos os costumes dos povos e os lugares que me servem para criar a intriga e pôr o herói em acção, pois *O Espião de D. João II* é, sobretudo, uma obra de ficção que permite a efabulação e a transformação da realidade em mito.

Para os curiosos dos pormenores da História preparei, em apêndice, uma cronologia do mito do Preste João que, de algum modo, completa os episódios narrados no romance. Amarga-me a perene frustração de ter oferecido, a quem for ler o romance, apenas uma pequena parte das minhas descobertas, porque havia muito mais para contar. Porém, a dado momento, é preciso escrever a palavra *Fim* e deixar o resto à imaginação do leitor, a quem convido a fazer esta viagem no tempo e no espaço, para descobrir estranhos mundos com os olhos do espião Pêro da Covilhã e sentir-lhe as emoções no corpo das palavras da sua criadora.

Deana Barraqueiro

Janeiro de 2015

<http://deanobarraqueiro.blogspot.com>

Índice

PARTE I – A Demanda dos Segredos das Índias

I A Cidade Bem Guardada	17
II Huri Cristã	33
III Um Peão no Xadrez d’El-Rei	51
IV A Caravana do Mar Roxo	78
V O Corsário do Malabar	94
VI O Grande Desafio	111
VII As Artes dos Kerala	120
VIII Arcanos e Avatares	134
IX O Talismã da Vidente	149
X O Senhor dos Mares	160
XI Os Tabus das Naires	175
XII A Caçada ao Tigre de Goa	185
XIII A Pedra do Anel	196
XIV Lilith	211
XV Lenda Judia	223
XVI A Cafraria	238
XVII A Cidade do Rei Cego	257
XVIII Os Juramentos do Quizungo	268
XIX Tambores de Guerra	289
XX Manambo	301
XXI A Perfídia do Amire	318
XXII A Desforra	334
XXIII Mwene Mutapa	345

XXIV O Forno de Ouro	360
XXV Muzimbas e Mosseguejos	373
XXVI A Irmandade dos Ourives	384

PARTE II – A Demanda do Preste João

XXVII A Vingança do Naibre	405
XXVIII A Carta	423
XXIX O Simun	438
XXX Um Espião na Ka'bah	451
XXXI Na Abássia	465
XXXII No Purgatório	480
XXXIII Tizibit	494
XXXIV A Corte do Grande Abexim	510
XXXV O Presbítero	524
XXXVI A Itegê Eleni	539
XXXVII Ambá Geshen	546
O Mito do Preste João das Índias: Origens do Mito	559
Cronologia do Mito	561
Bibliografia	567
Agradecimentos	573

Parte I

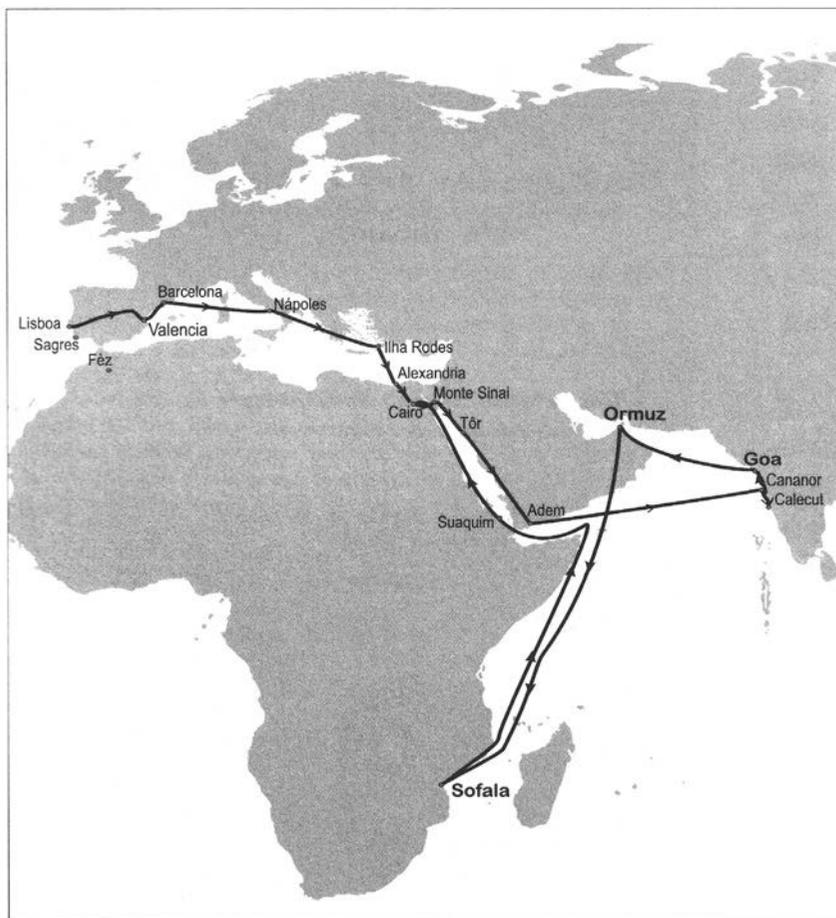
Na Demanda dos Segredos das Índias

*Todas as cousas a que o mandaram soube,
e de todas deu conta.»*

*(Verdadeira Informação do Preste João das Índias
Pe. Francisco Álvares)*



Mapa do Percurso – Demanda das Índias



Primeira grande viagem de Pêro da Covilhã até à Índia.

I

A Cidade Bem Guardada

A caravana desce a colina em direcção a uma das portas da muralha de pedra avermelhada que protege os seiscentos acres da medina de Fez da cobiça dos cristãos e das tribos inimigas.

Nada distingue o cavaleiro mercador de outros chefes de caravana, nem a postura, montando à maneira dos árabes um cavalo berbere, nem o traje composto por uma túnica alva de algodão a cobrir os sirões, o almejar de linho azul, cingido por uma larga faixa de onde pende a cimitarra, ou o lenço enrolado em forma de turbante. Apenas a um observador mais atento não escaparia o olhar vigilante, que não perde nada do que se passa em redor, e o corpo seco de carnes, de músculos prontos a reagir ao menor sinal de alarme. Inclina-se, fingindo ajeitar o arreio do cavalo e sussurra ao alveitar¹ que o acompanha:

– Aconteça o que acontecer, Afonso, quando nos acercarmos da porta, não fales português. Se te perguntarem alguma coisa finge que és surdo-mudo e deixa a conversa por minha conta.

Afastam-se da confusão dos mercadores beduínos e o cavaleiro volta a falar, sempre num murmúrio:

– Esta é Bab Sebaa, a porta onde os mouros tiveram exposto, no ano de mil quatrocentos e quarenta e três, o corpo do nosso infante D. Fernando. Seis anos antes, tinha sido feito refém por Abd al-Haqq, o sultão de Fez, no desastre de Tânger. Morreu nas masmorras do Mechouar... aquela praça de armas, ali, ao fundo.

¹ Homem que trata dos cavalos e animais de carga.

– Foi antão aqui? – murmura Afonso, com mágoa. – Bofá! Deu grande falaça no reino. O povo ficou alpavardo por el-rei D. Duarte e os infantes D. Henrique e D. Pedro se terem negado a entregar a praça de Ceuta como resgate pelo irmão. Que houve, afinal?

Afonso sabe que o cavaleiro é o homem de confiança d’el-rei D. João II, portanto, conhecedor dos meandros das lutas e intrigas do reino.

– O papa Eugénio IV não consentiu... Durante vinte e nove anos, o caixão do infante esteve aqui exposto, como aviso aos reis cristãos que pretendessem conquistar estas terras.

– Malditos! A mouro morto, matá-lo! – O alveitar cospe, sanhoso. – Sei que foi el-rei D. Afonso² que resgatou as ossadas do tio, quando conquistou Arzila, trocando-as pelos filhos e mulheres do senhor da praça, o xeque...

– Muley Muhammad Said-el-Uttaci. É o rei de Fez e mantém grande vigilância sobre os portugueses, pelo que é mister tomar muitas precauções para não sermos caçados pelos seus aguazis. Agora cala-te, que chegou a nossa vez e não te esqueças de que és surdo-mudo.

Sob o olhar vigilante do cádi³, os guardas dificultam o avanço da multidão fazendo parar, a cada passo, a gente estranha à cidade e inquietando os estrangeiros. As sentinelas são particularmente zelosas, porque a esta porta vem desembocar o caminho de caravanas da vila de Azamor, tomada por D. João II, nesse preciso ano de mil quatrocentos e oitenta e seis, o que traz os moradores em constante sobressalto com medo das almogavarias, os assaltos dos portugueses às povoações.

– Depressa! – gritam os guardas, agitando as longas varas que bastas vezes se abatem nos lombos dos animais ou dos homens a desimpedir a passagem. – Toca a andar!

Aqueles a quem é recusada a entrada são forçados, não sem ruidosos protestos, a ir tentar a sorte no aduar dos berberes chavia, o acampamento dos rebeldes nómadas do norte de Azamor e do Um-er-Rebia, que assentam arraiais às portas da cidade nos dias de grande mercado, para venderem borregos, queijos, peles e mantas de lã.

² D. Afonso V.

³ Magistrado judicial que julgava os delitos e crimes, como roubo e assalto. Condenava a penas que podiam ir de simples repreensões a vergastadas, mutilações (por roubo) ou pena de morte (assalto, adultério da mulher).

Chega a vez do cavaleiro e azemel⁴ domina a custo o medo de ser descoberto e morto por aqueles infieis, adoradores de Mafoma. Ao vê-lo, porém, praticar em aravia com as sentinelas como se em toda a sua vida não houvesse falado outra língua, começa a acreditar na possibilidade de enganarem os mouros e passarem sem novidade. Na troca de palavras com o cádi, ouve-o nomear-se por Ali Moumen e pronunciar várias vezes o nome de Muley Belagegi, que tem a virtude de transformar os modos arrogantes do oficial em respeitoso acatamento.

Uma das sentinelas acerca-se e faz-lhe uma pergunta. Afonso aponta para os ouvidos e boca, acenando negativamente com a cabeça e emitindo sons guturais como um surdo-mudo. O cavaleiro diz algumas frases, fazendo rir os soldados, e o alveitar admira a sua presença de espírito, que lhe permite lançar chistes às sentinelas da Cidade Bem Guardada. Por fim, o cádi manda-os seguir e, com um suspiro de alívio, apressa-se a entrar com o seu amo na medina.

– Desta já nos livrámos – diz com satisfação o mercador, pondo o cavalo a passo para acompanhar a andadura mais lenta da mula, enquanto vão costeando o kasbah dos Cherada, a alcáçova do rei. – Fizeste mui bem o teu papel de surdo-mudo... até eu acreditei!

– Ao demo que vos dou! Vossa mercê parece um alarve, sem tirar nem pôr, nem mesmo o cádi desconfiou! – Ambos se riem do embuste e Afonso pergunta: – Como aprendestes a falar tão bem aravia?

– No tempo da minha avó pelada! Era ainda cachopo, quando passei sete anos em Sevilha ao serviço dos duques de Medina-Sidonia. Comecei a falar com os mouros de Al-Andalus, escravos da casa, ao mesmo tempo que aprendia o castelhano com os escudeiros do meu amo. Belos tempos! – Acrescenta com uma risada: – Uma vez pusemos Sevilha em pé de guerra, durante cinco dias e cinco noites, com os nossos estrafeichos⁵!

– Como assi? Pardeos, meu senhor, contai-me essa aventura, que não cessais de me espantar!

– De bom grado o farei, pois me dá gosto relembrar esse tempo de pouco siso... Ainda temos um pedaço de caminho até ao funduq⁶, onde os cavalos tomarão penso e nós pousada.

⁴ Almocreve; homem que conduz animais de carga. Aqui, é o disfarce do alveitar.

⁵ Desacatos (Beira Baixa).

⁶ Albergue.

Afonso esporeia a mula e põe-se a seu lado, para conversarem em voz baixa. É melhor prevenir do que remediar, não vá o diabo tecê-las e acabarem com a garganta cortada num beco escuso. Deixam para trás a Cidade Branca – a nova medina construída pelos Merínidas, onde prospera o Mellah, o bairro judeu – e entram na parte mais antiga da cidade.

– Parti para Sevilha à aventura, por volta do ano de sessenta e oito – retoma o cavaleiro. – Entrei presto na guarda do duque D. Enrique de Guzmán, o que me serviu para exercitar o braço e a espada melhor do que em qualquer outro sítio do mundo.

– Andavam em guerra com os mouros?

– Não, mas era pior do que se andássemos. A família do velho duque de Medina-Sidonia, D. Juan Alonso, e a do velho Conde de Arcos, D. Juan Ponce de León, odiavam-se, devido a um antigo privilégio real a que ambas julgavam ter direito e não perdiam uma só ocasião de se atacarem e danarem⁷ uma à outra. Quando os velhos morreram, quase ao mesmo tempo, os respectivos filhos primogénitos, D. Enrique e D. Rodrigo, ainda se encarniçaram mais, formando dois bandos. Ninguém das duas famílias podia sair de casa sozinho ou desarmado, se não queria perder a vida. Os moradores de Sevilha andavam desatinados com o terror de serem apanhados no desvaio dos duelos e batalhas de rua e...

Interrompe a narração e deita um olhar desconfiado para trás, descortinando entre os transeuntes um fassi alto e magro, de jilaba⁸ às riscas verdes e fez⁹ vermelho, que, vendo o seu movimento de suspeição, refreia a montada e oculta-se atrás de um grupo de mercadores.

– Creio que alguém nos segue desde a porta das muralhas.

– Damonho! Onde está? Quem o terá mandado?

– Homem, não te assustes, que vem mui longe para nos poder ouvir! E, hoje, não faremos nada de suspeito – ri o amo, escondendo a sua preocupação. – Se calhar o cádi não acreditou que eu venho comprar cavalos ou, então, Muley Belagegi caiu em desgraça e ele enviou alguém atrás de nós, para nos ter debaixo de olho.

Terá de agir com muito cuidado quando visitar o xeque, se quiser volver vivo com o companheiro a Lisboa, mas com isso se há-de ralar mais tarde, porque, agora, é mister certificar-se se vem algum podengo

⁷ Causarem dano, prejudicarem.

⁸ Veste longa mourisca.

⁹ Carapuço mouro.

de fila a seguir-lhe o rasto. Pára o cavalo junto de um chafariz, imitado por Afonso que deita olhares furtivos a quem passa, em busca do espião. Os guerrab enchem os odres de pele de cabra com a água da nascente para a irem vender por toda a medina e o cavaleiro acha estes aguadeiros parecidos com os bobos das cortes europeias, pelas vestes vermelhas, os chapéus de bico e o som das taças de latão que trazem ao pescoço, penduradas num fio.

Os arcos e as paredes da fonte estão cobertos de relevos e arabescos de terracota, com desenhos de minúsculos mosaicos azuis – a cor de Fez – e verdes – a cor do Islão –, e os cavalos bebem da bacia de pedra, lado a lado com dromedários, camelos e jumentos. Os dois portugueses matam a sede nas bicas de água que, no calor do fim da manhã, é uma verdadeira dádiva dos céus. Um vendedor ambulante oferece-lhes tâmaras, com a pele a rasgar-se de madura, mostrando a polpa suculenta e ele compra meia dúzia, depois de muito regatear com o beduíno, que lhe pede três vezes mais do que o preço justo.

Enquanto comem, tenta descobrir o seu perseguidor entre a multidão açodada, mas o homem não se mostra em parte alguma. Olha em redor da praça e sabe exactamente onde se encontra, porque os cartógrafos de D. João II tinham-lhe mostrado um mapa da cidade e a sua memória fixara todas as linhas, recantos e nomes de lugares, bem como a sua história e até partes do Al-Corão, para o caso de virem a ser necessários.

Fundada no ano de setecentos e oitenta e nove por Idriss I – um descendente de Fatima, a filha do profeta Muhammad –, a medina deve o seu nome ao *fas*¹⁰ que foi achado no local onde se iniciou a construção, um vale baixo e fértil entre as cordilheiras do Atlas e do Rife, em pleno Al-Maghrib al-Aqsa, o País do Pôr-do-Sol, no Norte de África. O cavaleiro não ignora que Fez é chamada a Cidade do Islão por ser um dos principais centros de cultura, ciência e religião muçulmanas dos reinos de Benamarim, que os cristãos nomeiam por Marrocos, com inúmeras mesquitas, madrasas¹¹ e uma célebre Universidade.

As várias portas da muralha, muito bem guardadas, ornamentadas de mosaicos ou madeira esculpida, dão acesso a um labirinto de cerca de sessenta léguas de ruas estreitas e tortuosas, passagens esconsas, escadas

¹⁰ Enxadão.

¹¹ Escolas religiosas.

e becos, praças com fontanários, grande quantidade de moinhos de água e pontes ligando as duas margens do Oued el-Jawahir, o caprichoso Rio das Pérolas, que atravessa a cidade. Até aqui conseguira orientar-se muito bem, mas, à medida que se entranham no coração da medina velha, nota que o labirinto de ruas se torna cada vez mais intrincado.

Por sobre os terraços ecoa a canção do muezzin, lançada do minarete da mesquita próxima, convidando os crentes à oração do meio-dia. Em torno dos dois portugueses a vida parece parar, um silêncio recolhido desce de súbito sobre a rua e todos os que não vêm a pé desmontam e imobilizam as montadas junto aos muros das casas. Tomando os tapetes de oração, estendem-nos no solo, para se isolarem do mundo, homens, mulheres e crianças, sem distinção de classe ou tribo, virando-se na direcção de Meca, ajoelham-se sobre os rectângulos de lã ou seda e, inclinando-se até lhes tocarem com a testa, pronunciam as suas orações.

O mercador retira dos alforjes do cavalo dois tapetes e entrega um a Afonso, aproveitando para dar outra rápida mirada por sobre os crentes ajoelhados. Não há rasto do fassi. Ter-se-ia enganado e não estariam a ser vigiados, ou o homem, vendo a sua desconfiança, desistira de os seguir? Faz sinal ao alveitar para que o imite, ajoelha-se e reza ao seu Deus. *Será que são distintos?*, pensa, sorrindo.

Os mouros até aparentam ser mais devotos, caridosos e tolerantes do que os cristãos. Oram cinco vezes ao dia, sabem recitar o Al-Corão, praticam a zakat, uma esmola colectiva – os ricos contribuem com obras piedosas, construindo mesquitas, madrasas, fontes e funduqs para os viajantes –, respeitam e protegem os pobres, os doentes e os aleijados. Considera arrogância dos cristãos chamar infiéis a esta gente, todavia, o inverso não deixa de ser verdadeiro, pois os muçulmanos tacham de infiéis os seguidores de Cristo. Acabada a oração, a algarviada volta à rua, os tapetes são de novo enrolados e os animais recebem, nos seus dorsos, os donos apressados. Todos prosseguem caminho e o cavaleiro retoma a sua história:

– Era tamanha violência de mortes, incêndios e destruições, que el-rei foi forçado a intervir, ameaçando desterrar as duas famílias, ao primeiro desacato causado por qualquer dos seus familiares ou criados. Ora eu estava ao serviço de D. Juan de Guzmán, o irmão mais novo do duque de Medina-Sidonia, que foi enviado de castigo para uma campanha em África. O meu amo passou primeiro por Portugal para me entregar a el-rei D. Afonso como moço de esporas, com muitas recomendações e

louvores pela minha valentia. Sua Alteza, pouco tempo depois, fez-me seu escudeiro de armas e cavalo, tornando-me companheiro fiel de todas as suas batalhas e aventuras de cavaleiro andante na defesa de D. Joana¹², a *Excelente Senhora* e dos seus direitos ao trono de Castela, contra a usurpadora Isabel.

– Ao diabo dou a morte! Antão estivestes com ele na batalha de Tor contra os castelhanos, por mor da *Beltraneja*?

– Sim e, também, em França, quando lá foi, no ano de setenta e sete, em demanda de aliados. Luís XI, esse bolrequeiro¹³, não era pau de boa lenha, nem lenha de bom madeiro! Com muitas inzonas e emboladas¹⁴, o *Aranha* fez o nosso bom rei D. Afonso lazerar na corte, à espera dos soldados e do dinheiro que lhe prometera, sem lhe dar aviamento, até Sua Alteza ter gasto tudo quanto tinha trazido para a viagem.

– Quem dá e toma nasce-lhe uma cravona! Emboladeiro... Dizeis que el-rei D. Afonso se quedou à minguá?

– E nós todos com ele! Teve de pedir ajuda ao primo Carlos, o Temerário, duque da Borgonha, que andava em guerra com el-rei Luís e...

– ... E lhe prestou ajuda.

– Não, porque morreu na batalha de Nancy, com o seu exército desbancado. El-rei D. Afonso ficou mui desalentado, quis largar tudo e partir em peregrinação para a Terra Santa. Foi o cabo dos trabalhos para o trazermos para Portugal. Salvou-nos D. Duarte Brandão que emprestou uma grossa soma a el-rei para o seu regresso.

– D. Duarte Brandão, o Rei da Malagueta?!

– Esse mesmo, sem tirar nem pôr! Mas essa é outra história e não vem ao caso. Ora, quando el-rei D. Afonso morreu, fiquei ao serviço do seu filho e participei na tomada de Azamor, nos começos deste ano.

– Ah, por isso conheceis tão bem estes lugares e agis como se fôsseis alarve!

¹² D. Joana (1462-1530), filha de Henrique IV, de Castela, e de sua mulher, a rainha de D. Joana, irmã de D. Afonso V, de Portugal. Foi vítima de intrigas políticas, desde a infância até à morte, que ocorreu em Portugal. Em Castela, consideravam-na filha de D. Beltran de La Cueva, favorito do rei e amante da rainha, alcunhando-a de *Beltraneja*. D. Afonso V procurou defender os seus direitos ao trono, usurpado por Isabel (a *Católica*), casando com a sobrinha, mas o casamento não foi validado pelo Papa. Refugiada em Portugal, com o título de Excelente Senhora, foi usada por D. João II como um meio de pressão contra os *Reis Católicos*.

¹³ Trapaceiro.

¹⁴ Mentiras e intrigas.

– É verdade que gosto destas terras, sei viver no meio desta gente e continuo a ter prazer na aventura. Por ora, basta de conversa que chegámos ao funduq.

A praça surge dominada pelo edifício branco de dois andares do albergue de mercadores, com os portais abertos para receber os hóspedes e os animais cansados das longas jornadas a calcorrear montanhas e desertos. No canto oposto, uma fonte de mosaicos esmaltados convida a tomar um gole de água ou a fazer as abluções antes da oração. Por trás, serpenteia a rua do souq¹⁵ dos Nejjarine, o bairro dos marceneiros que esculpem as sábias palavras do Al-Corão em painéis de cedro, libertando a sua alma num cântico de louvor a Allah e a Muhammad, o seu profeta, criando às portas das suas casas dunas de serradura que nem o vento do deserto logra dispersar.

Os dois homens entram no funduq e desmontam no pátio quadrado, limitado todo em volta por arcadas que abrigam as cavaliças para as montadas dos hóspedes. Ao centro, uma fonte faz ouvir a sua canção de boas-vindas.

– Bela pousada! – murmura Afonso, de olhos arregalados. – E não se paga nada?

– Não, que esta é obra piedosa ou promessa de gente rica. É de uso dar-se uma esmola, à partida, para ajudar os viajantes ou peregrinos menos afortunados. Agora, não sejas bastiço¹⁶, lembra-te de que não podes falar português.

– Não sou bretôldo, ficai descansado que não me esqueço de fazer de surdo-mudo.

Vão prender as montadas num dos nichos sob as arcadas, entre outros animais que mastigam a comida despejada por um escravo nas manjedouras e os recém-chegados não tardam a receber o seu penso. Antes de se retirar, o alveitar observa-os cuidadosamente, apalpando-lhes as pernas e afagando-lhes o pescoço, verifica os cascos e as ferraduras, à procura de alguma maleita causada pela aspereza dos caminhos, ferida de arreios ou carga.

– Estão de perfeita saúde, praza a Deus! – diz satisfeito. – São uns bons bestigos.

¹⁵ Bairro. Também *suq, souq, suk, souk, çuq*.

¹⁶ Pessoa que fala muito e depressa.

O escravo olha-o boquiaberto, deixando cair a alcofa da aveia e Afonso apercebe-se, com terror, de ter falado em voz alta. Antes do escudeiro poder intervir, o homem diz cheio de emoção:

– Sois portugueses? Deus seja louvado! Falai baixo, por vossa vida, para que nenhum infiel vos ouça. Quem sois vós?

– Este alonso que nos desmascarou é o Pêro Afonso, de Tomar, eu sou o Pêro... da Covilhã, aliás Ali Moumen, mercador de Al-Andalus. E tu, quem és?

– Joaquim Alves, de Leiria, para vos servir. Fui feito cativo em Arzila e ninguém pagou resgate por mim. Tive sorte no meio da minha desgraça, porque fui posto ao serviço deste funduq onde toda a gente me trata bem. E vós, como vos arriscais em Fez? O califa Said-el-Uttaci não perde ocasião de atraiçoar os portugueses e de os matar, embora em segredo para não romper as tréguas com Portugal. – Sentindo-lhe a hesitação, o cativo acrescenta: – Tendes razão em não falar, pois a segurança de um homem está em conter a sua língua. Podeis fiar-vos de mim, que não deixei de ser português!

Parece digno de confiança e Pêro deseja fazê-lo seu aliado, porém, nem mesmo Afonso conhece a sua missão, por ser o segredo a alma do negócio de espionação.

– Fui encarregue por el-rei de comprar cavalos para o seu cunhado D. Manuel – diz-lhe e acrescenta, abrindo um pouco o jogo: – No entanto, se puder descobrir as intenções do califa sobre as praças portuguesas de Benamarim, tanto melhor, pois receamos traição.

– Isso não me espanta – confirma Joaquim. – Tem havido grande movimento de mercenários e arrolamentos no exército como se preparassem uma nova campanha militar. Podereis saber muitas novidades no hammam¹⁷ onde essa gente se encontra e costuma soltar a língua. Contai comigo para tudo o que houverdes mister.

– Muito te agradeço a ajuda e uso dela desde já. Preciso de saber se anda a rondar o funduq um fassi de jilaba às riscas verdes, com um cavalo cinzento, porque creio que nos seguiu até aqui. Se o vires, procura descobrir quem é.

– Deixai-o comigo. Entretanto ide comer e desenfadar-vos.

– Bem hajas, amigo! – agradece o alveitar. – Na verdade precisamos de repouso, que a viagem foi longa e dura.

¹⁷ Banhos (públicos ou privados).

– Toma tento na língua, surdo-mudo, não te descuides outra vez – recomenda, com severidade, ao subirem as escadas de pedra e Afonso faz-lhe um aceno de assentimento. – Se nos desmascaram, a nossa vida não vale um figo.

No salão principal, cerca de trinta hóspedes, sentados em almadragues, conversam em pequenos grupos, fechando os seus alboroques¹⁸ com infusões de menta e outros refrescos. Pêro saúda-os em aravia:

– A paz seja convosco!

– E contigo também! – respondem-lhe.

– Louvado seja Allah – conclui o escudeiro, procurando um recanto discreto.

Sentam-se nos coxins diante da mesa baixa e os escravos acodem a servir-lhes sopa e khubz, o pão espalmado, para acompanhar uma salada de beringelas com o ghomeh – estômago de carneiro recheado que lembra a Pêro os maranhos¹⁹ da sua Covilhã – e, em seguida, uma travessa com o manjar que os árabes e berberes do Norte de África não dispensam: uma montanha cónica de cuscuz dourado pelo açafraão, cujo cimo se abre como uma cratera onde fume o guisado de borrego.

Com três dedos da mão direita, os comensais servem-se directamente do enorme prato, formando pequenas bolas de cuscuz que lançam para dentro da boca, no que são imitados pelos dois portugueses, e o alveitar, apesar de pestineiro com os comeres, alcança a chban – a saciedade dos estômagos satisfeitos – com um pudim de arroz. Por fim, os hóspedes descem à fonte para lavarem as mãos e a boca, murmurando a bsmillah, uma prece de bênçãos a Allah. Os dois portugueses dirigem-se às cavaliças.

– Será melhor que te quedes aqui com o Joaquim, junto dos cavalos – ordena Pêro, ao acercarem-se do escravo cristão. – Ele pode evitar-te o embaraço de falar com os outros hóspedes e te dirá o que tens a fazer para não os escandalizar.

– Descansai, pois nada farei que nos atraíçoe – protesta entrufado. – Já me sinto mais à minha guisa como surdo-mudo.

¹⁸ Alborque ou alvoroque. Escambo, permuta de produtos. Copo de vinho oferecido pelo comprador aos vendedores e clientes, como sanção do negócio.

¹⁹ Prato tradicional das Beiras, feito com o estômago dos cabritos ou ovelhas que se corta aos bocados e se cose com linhas, fazendo pequenos sacos que se recheiam com uma mistura de arroz e carne picada e se levam a cozer em água com sal.

– Temo as tuas freimas contra os mouros, Afonso. Não te esqueças de que, enquanto aqui estivermos, é mister fazer como eles... mesmo rezar virado para Meca!

Chegam-se às montadas, fingindo observar o serviço de Joaquim que os informa:

– Meu senhor, o fassi que vos seguia anda a rondar a praça e o funduq. Olhai-o ali, na fonte, meio escondido pelas arcadas. O cavalo não deve estar longe...

Pêro espreita por entre o rendilhado da janela.

– É Habeeb el-Majdoubi, um dos melhores espiões ao serviço do grão-vizir Hassan ben Abdallah. Rogo a Deus que má dor lhe venha! Vossa mercê tenha cuidado com ele, que é homem mui perigoso!

– Alguém deve ter dado com a língua nos dentes, estavam à minha espera... ou, então, eu mesmo me denunciei ao falar em Muley Belagegi.

– O cádi da porta de Sebaa tem instruções para alertar Habeeb, se suspeitar que o visitante é português.

– Há, nas traseiras, alguma saída para a rua?

– Sim, no dormitório dos escravos, uma cela nos fundos.

– Tenho de sair do funduq sem o espião me ver. Mostra-te à entrada, Afonso, para ele pensar que ainda aqui estamos, enquanto eu vou tentar escapar a pé, para poder passar desapercibido. Não te inquietes se eu chegar tarde, tenho muito para ver e fazer.

– Ide com cautela, por mor de Deus. E se vos acaecer²⁰ alguma desgraça? – a voz do alveitar soa um pouco trémula. – Que farei?

– Deixo-te dinheiro e Joaquim Alves pode ajudar-te a fugir para qualquer das praças portuguesas.

– Assi será feito, meu senhor – responde o cativo. – Juro por minha vida!

– Não temais, minha gente, pois já me tenho metido em lugares e trabalhos de mor perigo que este e sempre escapei com vida. Antes de anoitecer cá me tereis de novo.

Afonso toma os arreios da sua mula e, fingindo consertá-los, vai sentar-se num mocho junto da entrada, onde pode ser visto por quem está na praça, enquanto Joaquim conduz Pêro às traseiras, abrindo-lhe uma pequena porta de acesso ao pátio.

²⁰ Acontecer.

– O portão dá para as últimas ruas do souq dos marceneiros e, logo, entrareis no dos perfumes e vereis a madrasa de El-Attarine e os minarettes de Qarawiyyîn. O hammam é atrás da mesquita. Ide com Deus.

Pêro da Covilhã atravessa o pátio, abre o portão e espreita. A rua é estreita, com lojas onde alguns artesãos esculpem a madeira e, aproveitando a passagem de dois burros carregados de mercadorias e montados pelos donos a gritar um aviso, esgueira-se para fora do albergue, penetrando no dédalo da medina. Relembra as informações que no reino lhe forneceram sobre Fez: uma cidadela com mais de setecentas e oitenta e cinco mesquitas, oitenta fontes e chafarizes, noventa e três banhos públicos, quatrocentos e setenta e dois moinhos para transportar a água a todos os lugares, quatrocentos e setenta e sete funduqs, quatro mil e vinte e duas lojas, três mil e sessenta e quatro fábricas, cento e dezassete lavadouros públicos, oitenta e seis oficinas de curtumes, cento e dezasseis tinturarias e cem mil casas. Uma urbe maior que muitas capitais europeias, incluindo Lisboa.

Dá-lhe prazer percorrer os bairros de mercadores, cada um abrindo uma corporação diferente de artesãos controlada por um oficial de justiça, o muhtasib. As casas são de dois andares, todas muito simples e iguais, visto o Al-Corão censurar a exibição ante os vizinhos de sinais exteriores de luxo e riqueza, de paredes brancas, quase sem janelas e portas de madeira com puxadores de ferro, latão ou bronze em forma de mão, evocando os cinco dedos de Fatima, para afastar o mau olhado.

Aspira o delicioso aroma de pão quente nos cestos trazidos à cabeça por crianças que se cruzam com outras carregadas de tabuleiros de massa para cozer no forno público. Passa pela Zaouya de Muley Idriss II e vê uma multidão de peregrinos de todo o mundo muçulmano diante das suas portas, pois o filho do fundador de Fez foi tomado por santo quando descobriram o seu túmulo com o corpo incorrupto. Entra no souq dos perfumes, de ruelas e lojas semelhantes a antros de alquimistas, com passagens cobertas e sombrias ou becos escuros, ideais para uma emboscada.

O calor acentua o odor que se escapa dos frasquinhos e potes de essências de muitas cores, perfumes doces ou pungentes para espezivar os sentidos, troços de pedra-pomes e barras de ghasoul – um preparado de pedra moída e essência de rosas para lavar os cabelos e os tornar brilhantes e macios como fios de seda; caixinhas de cana com pequenos tubos de prata ou ferro para o kohl em pó ou líquido, a fim de fazer dos olhos negros das donas e donzelas um abismo de desejos e promessas; e

hena, de todas as espécies e formas, para dar um tom de fogo às negras cabeleiras e desenhar no corpo os arabescos que afastam o mau olhado e os ataques dos djinn, os génios maus.

Em vez de telhados, os edifícios têm, como nas casas do Algarve – ou não tivesse sido Al-Garb, O Poente, uma terra de mouros – açoteias muito juntas, permitindo percorrer Fas al-Bali de uma ponta a outra. *Uma boa via para uma fuga precipitada, em caso de perigo!*, pensa, sorrindo divertido, ao imaginar-se perseguido, nos ares, por uma meia dúzia de aguazis do grão-vizir Hassan. De igual modo se pode seguir do alto, sem se ser visto, alguém que caminhe pelas ruas, diz-lhe o instinto, sempre alerta.

Sente, com um calafrio, que há olhos a espreitá-lo mas não vê ninguém, nem capta qualquer movimento suspeito no souq. *Deve ser a fadiga da viagem e o desassossego causado pela missão que me fazem imaginar perigos onde não existem*, considera, a desanuviar pensamentos. Prende a sua atenção no que o rodeia, a azáfama das gentes, os ralhos, as discussões e os regateios sem fim a repetirem-se com as mesmas palavras de sons aspirados e agudos, entre vendedores e clientes por todas as ruas, como se tudo fora um só negócio.

– És um mentiroso sem vergonha, Saif! A tua hena é velha como a tua avó e dará uma cor de ferrugem aos cabelos da minha ama.

– Porque me insultas, mulher resmungona? Por amizade, peço-te dois dinares...

– Deviam cortar-te a mão direita, como a um ladrão, por roubares nos preços!

– Allah é testemunha da minha honestidade, mulher de língua afiada! Por ser para ti, um dinar e meio... e perco dinheiro!

Mulheres totalmente veladas pelo longo niqaab ou pelo beskir, um pedaço de tecido leve enrolado em volta do rosto e preso na nuca por um nó, deixando apenas os olhos descobertos, percorrem as tendas e os quiosques dos vendedores. O traje mais comum é a camisa branca que desce até aos pés ou até aos joelhos sobre calças tufadas apertadas nos tornozelos, ou os longos panos coloridos e bordados que lhes ocultam todas as formas e as tornam semelhantes a grossos sacos de mercadorias.

Pêro não se deixa deslumbrar pelo mistério, conhecendo que, nos mercados, os véus não escondem mouras ou princesas encantadas, apenas escravas, criadas e mulheres velhas, porque a nenhuma donzela ou dona com menos de quarenta anos é permitido andar pelas ruas sem a

companhia do pai, irmão ou marido. E, se viajam, vão sempre em liteiras com cortinas, aos ombros de escravos ou em carroças cobertas, resguardadas dos olhos do mundo.

Já no mercado de escravos, à saída do souq dos perfumes, o trato é outro e o escudeiro pára junto ao funduq para observar uma carga de peças²¹ acabada de chegar. Homens, mulheres e crianças, cujos andrajos os denunciam como cristãos, presos uns aos outros numa longa fila e escoltados por traficantes armados, são empurrados como gado para um pátio coberto, onde os começam a separar por sexos, levando os homens para as celas na parte baixa do armazém, o que logo dá causa a muitos gritos e choros das mulheres que correm a agarrar-se aos filhos e aos maridos ou se lançam contra os guardas, em desespero, tentando feri-los:

– Porque me não tiraste a vida, João Afonso? Corpo de Deus sagrado, não sabes o que me espera?

– Larga o meu filho, perro infiel, que te arranco os olhos!

– Tem piedade, não me apartes de meu marido! – suplica uma mulher, lançando-se aos pés do mouro para lhos beijar.

Os rogos e insultos, gritados em português, deixam o escudeiro de coração apertado. Só a muito custo não interfere quando as cativas são de novo arrastadas com violência e até mesmo com pancadas para o seu canto.

– Atai-lhes as mãos atrás das costas para que as perras não se firam – ordena um dos traficantes ao vê-las rojar-se pelo chão, arrancando os cabelos e ferindo o rosto com as unhas. – Não podem estar chagadas quando forem a leilão.

Os servos apressam-se a obedecer e as mulheres são manietadas, ficando a soluçar encostadas umas às outras. A cena de violência e o desejo de vingança que o espião não pode satisfazer trazem-lhe à memória, num despropósito, a canção do Figueiral e o tributo das donzelas que os cristãos pagavam ao mouro Mauregato:

*Mouro que las guarda
Cerca lo achei;
Mal las 'meaçara
Eu mal me anojei;*

²¹ Nome dado aos escravos, que eram vendidos e comprados como qualquer mercadoria «à peça».

*Troncon desgalhara,
Troncon desgalhei
Todos machucara
Todos machuquei
Las ninas furtara
Las ninas furtei*²².

Essa memória, que tudo regista e é a sua melhor arma, prega-lhe, muitas vezes, estranhas partidas, lembrando-lhe cousas fora de todo o sentido ou propósito, nas ocasiões menos oportunas. Quem lhe dera poder destroncar aqueles corvos carneiros e furtar-lhes as mulheres, porém canções e romances de gesta são uma coisa e a realidade é outra: na vida não se tomam trutas assim de bragas enxutas. Apesar de estar com freimas de deitar o bordel abaixo e esfandangar²³ os cabrões, tem de comer e calar. Agastado, acerca-se do grupo de mercadores para escutar a falazeira.

– Foram cativados²⁴ por Selim Khaldun, o corsário protegido de Hassan ben Abdallah, o nosso bem-amado grão-vizir – e o homem ri com malícia.

– O mais alto oficial do califa de Fez recebe parte do lucro das pilhagens dos corsários? – pergunta com fingido espanto. – Khaldun foi fazer alguma razia às costas de Al-Garb?

As razias às povoações costeiras, quer de Portugal, quer de Marrocos, são prática corrente para mouros e portugueses apanharem escravos, sobretudo mulheres, pilharem e porem fogo aos lugares assaltados, deixando atrás de si um campo raso.

– Não – responde-lhe o melhor informado –, ouvi dizer que foi na abordagem a um navio. Uma boa presa, em cativos e mercadoria.

– E qual era o destino do barco?

– Vinha para Ceuta, com as famílias dos usurpadores portugueses aquartelados na fortaleza. Traziam muitas jóias e objectos preciosos.

– Khaldun ousou salteá-los? – Pêro mostra receio. – O nosso bem-amado califa Muley Said-el-Uttaci, Comendador dos Crentes,

²² *Canção do Figueiral*, na tradição de muitas terras de Portugal.

²³ Fazer em fanicos.

²⁴ Feitos cativos, aprisionados.

abençoado de Allah, assinou um tratado de paz com o rei de Portugal, que guarda um filho seu como refém.

– Apertai-lhe a mão, mas depois conferi os dedos! – o mercador ri-se, ao citar o provérbio, mostrando a admiração dos mouros por quem sabe fazer um bom trato e atraiçoa-lo, livrando-se de cumprir a sua parte. – Muley Said está a construir navios velozes para os seus corsários irem fazer razias pelas costas portuguesas e lugares de Al-Maghrib ocupados pelos infiéis.

– Não sabias isso, estrangeiro? – inquire o mais velho, com suspeição na voz. – De onde vens?

– De Al-Andalus – responde, alarmado pela sua desconfiança e arrependido de ter feito tantas perguntas. – Sou Ali Moumen, um vosso criado.

– Hoje é o leilão das peças mais valiosas, que chegaram há dias – diz o outro mercador, para alívio do espião. – E já ouço a voz do pregoeiro.

– Não duvido que esse ladrão do Akim vai tentar pôr-nos uns contra os outros, para altear os preços e fazer-nos perder dinheiro.

Entram no funduq, seguidos de Pêro da Covilhã, cuja raiva perante a má sorte dos cativos portugueses quase lhe fez esquecer a prudência.

II

Huri Cristã

Músicos, bailarinas e acrobatas animam os clientes que buscam fazer uma boa compra: um escravo de transporte, uma serva doméstica ou alguns cativos para trabalharem nas quintas dos arredores de Fez. Mercadores do interior procuram adquirir lotes de peças variadas – machos, fêmeas e crias – que saem mais baratos e rendem maior lucro na região do deserto. Muitas peças não chegam a ir a leilão, basta ajustar o preço com o mercador.

As arcadas, galerias e mesas do funduq estão repletas de senhores de nobres famílias fassis, de comerciantes e aventureiros endinheirados. Os escravos servem-lhes doces com chá de menta ou sumos de frutas e, no maior segredo, vinho aos melhores compradores. Encontram-se ali, por bom preço, negros da Costa dos Escravos²⁵ e de S. Jorge da Mina – resgatados às escondidas ou capturados durante audaciosas abordagens aos barcos dos portugueses, que patrulham aqueles mares como coisa sua –, assim como numerosa gente branca apresada nas razias às costas da Calábria, ilhas do Tirreno e Toscana.

O burburinho aumenta e as disputas estalam quando os pregoeiros iniciam o leilão das mulheres. O falso Ali Moumen dá graças a Deus por o lenço lhe esconder o rosto, que não consegue manter impassível perante o espectáculo de europeias, brancas e cristãs, a serem avaliadas e vendidas como escravas para uso e abuso de infiéis. É o mundo às avessas onde nada parece fazer sentido.

²⁵ Guiné.

Akim alimenta a chama dos clientes com a apresentação de mulheres cada vez mais jovens e formosas, num jogo muito lucrativo em que as melhores peças são trazidas, por último, das celas do funduq, depois de receberem alguns cuidados para lhes acrescentar a valia. A transparência dos véus que, sem tudo revelarem, permitem vislumbrar a delicadeza dos traços, a brancura da pele, a perfeição das formas, o contorno de um seio, acirra cobiça e paixões.

O tratante capta a rivalidade que opõe aqueles homens acostumados a satisfazerem todos os caprichos, graças ao poder das suas bolsas, e regozija-se com as provocações, desafios e insultos, lançados de um para outro balcão, com grandes gargalhadas, num alvoroço a que não é alheio o muito vinho bebido nas taças do chá de menta. Após renhida contenda, uma grega de formas voluptuosas é arrematada por um gordo general do califa pela grossa soma de mil moedas.

Akim sobe ao estrado a fim de se encarregar do pregão e dos lances de três virgens portuguesas. A sua presença cria um silêncio desassossegado, porém ele não se apressa, muito pelo contrário, com um sorriso de bonomia mira a multidão que enche a casa, ergue os olhos para as galerias e lança a sua voz com entusiasmo:

– Poderosos senhores, nobres e ilustres cidadãos de Fas, distinto enviado do nosso amado grão-vizir, dignos visitantes deste próspero reino, ouvi as minhas palavras e crede-me: nem tudo o que é redondo é avelã, nem tudo o que é longo é figo, nem tudo o que é vermelho é sangue e nem todos os ovos são frescos.

Faz uma pausa, para criar efeito, observa a surpresa causada pelas suas palavras e prossegue:

– Em vossas vidas já vistes e comprastes, aqui e em muitos outros lugares, grande número de escravas, porém, posso garantir-vos que jamais haveis visto uma única capaz de ser comparada a qualquer destas três virgens portuguesas.

Faz um sinal ao eunuco do funduq e este arrasta para o estrado duas mulheres veladas cujos trajos, de delicados tecidos, as anunciam como objectos de luxo. Akim recomeça, sem lhes descobrir o rosto, para melhor acicatar desejos:

– Duas irmãs gêmeas, duas raras flores do mesmo caule, de uma beleza tão perfeita e idêntica que não ousámos cometer o sacrilégio de as apartar. Uma só mão não pode aplaudir: mil moedas, cada uma, é o lance de partida. Porém, a esse preço, generosos senhores, merecedores

de todas as bênçãos dos céus, quedar-me-ei eu com elas. Quem dá mais de duas mil moedas?

Nova pausa para avaliar, no silêncio pesado, a comoção nos rostos que se inclinam para os vultos femininos.

– Duas mil e duzentas moedas para o nosso valente general Ibn Said... duas virgens portuguesas, duas irmãs de sangue nobre, na flor da idade, duas pérolas perfeitas...

Com gestos estudados o pregoeiro descobre os rostos das duas cativas, cuidadosamente tratados pela governanta do funduq, que nem as lágrimas logram desfeiar, e os lances irrompem em acesa disputa. *Má gafeira te dê, maldito chiberro²⁶ e a mim raiva que me aperte!*, arrenega o escudeiro, em pensamento, furioso por não poder intervir.

– Duas mil e quinhentas para o nobre Zakarya Mensur. Quem dá três mil por esta dupla beleza? Impossíveis de separar, magníficos senhores, pois uma não viverá sem a outra, tal como a vossa mão direita não sabe viver sem a esquerda... Três mil, para o enviado do nosso bem-amado grão-vizir. – O traficante olha em volta, retardando o remate, à espera de maior lucro, mas a menção do ministro parece desencorajar a disputa e Akim arremata: – Vendidas por três mil moedas, com grande prejuízo da minha bolsa.

– Que desperdício – sussurra, por trás de Pêro, a voz do mercador que lhe dera as informações à entrada do funduq – se tiverem o mesmo destino das outras... torturadas e mortas.

A um sinal do traficante, o eunuco acerca-se de uma mulher sentada na penumbra, envolta num longo pano branco que a cobre até aos pés e toma-a por um braço, mas ela sacode-lhe a mão. De rosto coberto e nobre postura, sobe ao estrado com a graça de uma princesa pronta a receber a homenagem dos seus súbditos. O negro segue-a como um pajem, sem ousar tocar-lhe, até ela se imobilizar ante a assistência que a olha com surpresa. Com voz doce, Akim rompe o silêncio, contente por a cativa cristã ter essa atitude de desafio e assim provocar os homens:

– Três mil moedas são o preço de partida, respeitáveis senhores, por esta virgem de catorze anos, delicada e fresca como o orvalho sobre a rosa da manhã. Vós, homens refinados e de bom gosto, conheceis o valor e o

²⁶ Capado.

custo da perfeição. Haverá no Paraíso uma huri²⁷ que se compare a esta escrava?

Com um puxão arranca-lhe o niqaab e todos os homens, incluindo Pêro da Covilhã, soltam exclamações de assombro ao contemplarem a cativa, envolta em panos transparentes de cores suaves que a cobrem sem, todavia, esconderem a sua nudez.

– Por Allah e o seu Profeta! Nenhuma huri pode ser mais bela!

– Perfeita! Qual virgem do país dos gelos...

– O azul dos seus olhos torna pálido o brilho das safiras e o ouro dos seus cabelos é mais precioso do que a mais bela jóia dos vossos cofres! – prossegue Akim, por sobre os gritos e elogios da assistência. – Podeis ver, nesta filha da nobreza cristã, o donaire esquivo da corça em fuga, aliada à altivez impetuosa de um puro-sangue...

– Quatro mil – grita Mensur, o primogénito de uma das mais ricas famílias de Fez, incapaz de se conter e disposto a arruinar-se para ficar na posse do cobiçado prémio.

Em toda a sua vida, nunca o espião contemplara mulher mais bela, nem sequer na corte de França! Apenas saída da adolescência, a cativa é alta e esbelta, um rosto de iluminura, emoldurado pela cabeleira que lhe desce abaixo da cintura como um manto. Sem proferir uma súplica ou um lamento, desafia-os com um olhar de desprezo.

– Quatro mil moedas do ilustre Zakarya Mensur – repete o pregoeiro, acrescentando como um desafio: – Uma escrava digna do harém do nosso generoso grão-vizir ou do próprio Sultão dos Sultões.

Pêro apercebe-se, pelo movimento dos seus lábios, de que ela está a rezar. *Fideputa malditos! Perros inféis!*, pragueja entre dentes, fervendo em ódio contra o traficante e a chusma de mouros que violam com olhos sôfregos o corpo da donzela portuguesa.

– Quatro mil e quinhentas moedas do respeitável mercador Wazzan pela virgem cristã – retoma o traficante, fazendo um sinal ao eunuco para cobrir a escrava, a fim de garantir a exclusividade das suas graças a quem a comprar. – Olhos de safira, como talismã contra o mau olhado e a peste... cinco mil, do enviado de Hassan ben Abdallah, o nosso bem-amado grão-vizir... seis mil, do venerável Wazzan, oito mil do nobilíssimo Zakarya Mensur.

²⁷ Virgens belíssimas que existem no Paraíso muçulmano, para servirem os verdadeiros crentes, após a sua morte.

A multidão aplaude o natural da terra, a medir-se com os poderosos senhores de outros clãs. A voz de Akim está rouca de emoção e da rapidez dos lances, jamais uma das suas peças, por muito bela que fosse, havia atingido semelhante preço.

– Dez mil moedas – lança o general do califa, com as grossas bochechas perladas de suor.

É uma verdadeira fortuna e a assistência emudece na expectativa de ver o enviado do grão-vizir cobrir o lance.

– Dez mil moedas, do valoroso general – Akim limpa o suor que lhe escorre pelo rosto. – Quem dá mais? Quanto vale, para vós, a huri cristã, meus senhores, a gentil flor do Paraíso?

O pregoeiro olha Mensur, que abana a cabeça com tristeza, retirando-se da disputa. Todos os rostos se voltam na direção do chefe dos eunucos do grão-vizir, que parece nervoso.

– Oito mil e cem moedas – interrompe uma voz vinda de um canto da galeria – para oferta a Muley Said-el-Uttaci, Vigário do Mensageiro de Allah.

Ouvem-se na assistência muitos gritos de protesto. O duelo acabara por um golpe sujo do próprio Hassan ben Abdallah que, abrigado de olhares indiscretos, assistia ao leilão e só saíra da toca para rematar a escrava em nome do califa, por um preço inferior ao último lance! Ninguém podia competir com o sultão de Bagdad, Akim teria até de lha oferecer, sem receber nada em troca, se ele assim lho exigisse.

– Vendida por oito mil e cem moedas, ao nosso bem-aventurado califa, sombra de Allah na terra, sobre cuja cabeça descerão todas as bênçãos – remata o traficante, quase choroso, embora resignado.

O grão-vizir sorri de triunfo ao general. Avança para o estrado a fim de receber a escrava e levá-la para a sua liteira. Fingir que a pretendia para o califa garantira-lhe a sua compra bem abaixo do que lhe custaria se a licitasse para si, contudo nunca abdicaria da sua posse, arranjando maneira de enganar Muley Said-el-Uttaci com uma história qualquer.

– Preciso de lhe ver os dentes. Não quero mercadoria defeituosa para o Comendador dos Crentes – diz, parando diante da cativa que ainda se não movera do lugar, mantendo a mesma atitude de indiferença com que sofrera o leilão.

Sente prazer na humilhação da fidalga cristã, que já lhe pertence e depressa dominará, mortificando-a e dobrando-a à sua vontade, até a transformar numa boneca de cera para moldar a seu prazer, brincar até

se cansar e, então... Estende a mão para lhe segurar o delicado queixo, porém, com um gesto rapidíssimo ela arranca-lhe o punhal da faixa e, empurrando-o, grita:

– Como te atreves a tocar-me, cão infiel?

O brado, em português, ecoa no funduq calando todas as vozes. Ninguém está em posição de colher a escrava de surpresa e tirar-lhe o punhal, nem isso interessa a Akim ou ao seu eunuco, pois a peça já mudou de mãos. Que bela era a huri cristã, de cabelos de ouro e olhos cor do céu, enfrentando com ousadia o odioso grão-vizir, para gáudio da assistência!

Ao escudeiro, impotente para a socorrer, a donzela parece um anjo vingador, a tremer de orgulho e com as faces rosadas pela indignação, empunhando o punhal, pronta a enterrá-lo no corpo de quem dela se acerque. A voz soa como se estivesse em transe, com palavras que só o espião e os cativos portugueses podem entender:

– Companheiros de desventura, se a formosura é a causa da minha perdição, ainda há remédio! Esguardai e, se ganhades a liberdade, dizei à minha família como Filipa de Almeida e Menezes soube defender a honra – a sua mão volteia e um brilho metálico traça-lhe dois longos sulcos no rosto. O corpo estremece, oscila por momentos e, sem um gemido, a escrava tomba desacordada no estrado.

Pêro solta um bramido de agonia, que se faz eco do berro de ódio do grão-vizir e se perde na gritaria da assistência. A fidalga cristã repetira o sacrifício que, em tempos antigos, faziam as monjas quando os mouros assaltavam os seus conventos, a fim de tomarem as mais moças e formosas para os serralhos.

Sai do funduq, a cambalear como um ébrio e, quando recobra do mareio, atravessa quase a correr o souq das especiarias, pois o hammam fechará as suas portas um pouco antes da chamada para a oração do fim de tarde, que se aproxima. Como lhe disse Joaquim, os banhos públicos são o lugar mais propício para colher segredos, sem dar nas vistas. A essa missão o enviou el-rei e não a salvar cativas, embora portuguesas e fidalgas, das garras dos mouros.

Tal pensamento, todavia, não lhe traz consolo. Sente dificuldade em manter as ideias claras, engana-se nas ruas e desemboca, por fim, na madrassa de El-Attarine onde vivem os estudantes da universidade Al-Jamaa, a Mesquita Maior de Qarawiyiyîn, fundada no ano de oitocentos e sessenta e dois. Situada à distância de um tiro de pedra, com a sua

magnífica biblioteca, atraindo os sábios e estudiosos de todo o mundo, por aí se ensinar, entre outras ciências, Astronomia, Medicina, Filosofia e Teologia.

Procura ocupar o pensamento com minudências para não ver o rosto ensanguentado de Filipa de Menezes e esforça-se a abrir caminho por entre o contínuo movimento de gente: crentes, adivinhos, mahdis – os profetas ou homens santos cuja missão é denunciar os pecados do mundo e acusar os crentes de negligência e de pouca fé –, ulemas ou doutores da Shariah, a Lei do Al-Corão, e suplicantes conduzindo os seus animais para o sacrifício nos açougues da mesquita. Pêro tem encontros marcados nestes lugares, mas, para já, o seu destino é o hammam de Qarawiyyîn, por trás de Al-Jamaa.

Os banhos fervilham de homens procurando retemperar as forças no final de um dia de trabalho e purificar-se, antes da chamada do muezzin para a oração do anoitecer. Uma nuvem de vapor paira sobre o tanque de água quente, no centro de um pátio interior coberto e rodeado de galerias, arcos e colunas. Pêro entra no tanque e abandona-se ao prazer do banho, deixando a água tépida afagar-lhe a pele e os sentidos. Concentra o pensamento na sua missão, dominando emoções e esvaziando a mente das imagens do mercado e do rosto retalhado da cativa.

Não tarda em sair do tanque, pois não é ali, no silêncio recolhido e repousante das águas que os homens falam dos seus destinos. Embrulha-se na toalha fornecida à entrada e um servo guia-o até ao salão de chão ladrilhado e aquecido, com inúmeros nichos de bancos em azulejo por trás dos quais corre água quente, com ondas de vapor a cheirar a incenso e mirra para fazer suar os corpos e distender os músculos. Aqui se juntam grupos de amigos para uma prática livre de estorvos, como os cinco homens ainda moços que, apesar de despedidos, deixam adivinhar no aspecto e modos a sua condição de mercenários. Entre eles há um mancebo branco e alourado, um cristão renegado como tantos outros a soldo do califa.

Pêro ocupa o nicho contíguo, encostando-se às paredes aquecidas para lhes espiar a conversa, mas os charingueiros²⁸, em vez de falarem de coisas sérias, não param de fanfar sobre mulheres e feitos amorosos. *Tempo perdido. Em má hora vim sofrer este suadouro para nada! Toca a andar daqui para fora...*

²⁸ Que falam sem parar, maçadores.

– Se pagam mais nessa campanha, também estou interessado – a frase tem o condão de o fazer sentar de novo, de ouvido à escuta.

– Mas Xauen fica a sul d'Alcácer-Quibir, no meio das montanhas de Rife, sem qualquer animação em volta!

– Dá-lhe tempo, homem. É uma cidade acabada de fundar, uma praça militar criada para servir de quartelamento ao exército de mercenários e berberes.

– E qual é o destino dessas hostes?

– Segundo a proclamação oficial é para meter na ordem os rebeldes chavias do xeque Belagegi, alevantados contra o poder do califa, mas diz-se que há outras razões...

Com os olhos semicerrados, como quem dorme, o espião procura não perder palavra. Contrariado, vislumbra por entre a nuvem de vapor um vulto que vai ocupar a outra extremidade do banco. As vozes dos mercenários tornam-se quase num murmúrio:

– Que razões?

– Segundo se diz, o exército vai combater os portugueses nas praças por eles tomadas em Al-Maghrib, até os expulsar para sempre.

– O califa quer romper o tratado de paz assinado com os portugueses?

– Não, que os cães inféis ainda guardam o seu filho primogénito como refém. Por isso, este movimento de tropas foi precedido do tal édito contra os chavias e o califa Muley Said-el-Uttaci negará qualquer envolvimento nos ataques aos portugueses, deitando as culpas a Belagegi.

Pêro já não precisa de ouvir mais. Mal pode crer no favor da Fortuna que, logo no primeiro dia da sua estada em Fez, lhe dá de mão beijada aquilo que julgara quase impossível descobrir. Levanta-se, e a visão de Filipa no mercado dos escravos, por momentos esquecida, invade-o novamente.

O cordão lançado à volta do seu pescoço assemelha-se a um fio de oração, de pequenas contas que se enterram na carne como pregos, sufocando-o. Não se apercebera do homem, saído da espessa neblina de vapor, nem ouvira os pés descalços no chão de ladrilhos. Debate-se com desespero, procurando não fazer rebuliço para não despertar atenções, depois do que ouvira aos mercenários. O agressor pretende impedi-lo de revelar a traição do califa, calando-o para sempre.

Com o coração quase a saltar-lhe pela boca e respirando a custo, por causa do vapor e da pressão do fio a estrangulá-lo, logra sacar a navalha